



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**ARQUITETÔNICA SOCIAL ESCOLAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Luise Massa Santos

Rio de Janeiro

2023

Luise Massa Santos

**ARQUITETÔNICA SOCIAL ESCOLAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português / Inglês.

Orientador: Prof.º Dr.º Adolfo Tanzi Neto

Rio de Janeiro

2023

Luise Massa Santos

**ARQUITETÔNICA SOCIAL ESCOLAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português / Inglês.

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Adolfo Tanzi Neto

Faculdade de Letras - UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Cristina Kluge

Faculdade de Letras - UFRJ

### CIP - Catalogação na Publicação

M414a Massa Santos, Luise  
ARQUITETÔNICA SOCIAL ESCOLAR NO COLÉGIO DE  
APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
/ Luise Massa Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.  
35 f.

Orientador: Adolfo Tanzi Neto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Inglês, 2023.

1. Mediação. 2. Arquitetônica Social Escolar. 3.  
Câp UFRJ . 4. Espaços. 5. Poder e Controle. I. Tanzi  
Neto, Adolfo, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, meu criador e salvador, pela graça e sustento para chegar até aqui.

Agradeço ao meu marido, Fernando Pessanha, por todo apoio e incentivo nos dias difíceis. Sem ele, nada disso seria possível.

À minha família como um todo, principalmente meu pai e minha mãe, Marcos Santos e Andreia Santos. Se um dia eu for metade do que eles foram como pais, estarei feliz e realizada. Vocês são a base de tudo isso.

À minha igreja, minha comunidade na fé, por todas as reuniões de oração, desabafo e risadas. Vocês dão brilho à minha jornada.

Aos meus amigos, ao “Praiou com o Natan”, que fazem minha vida mais feliz e a caminhada mais leve. Gostaria de agradecer especialmente às minhas amigas da faculdade, Brígida Adriely e Amanda Ariani. Os quatro anos da faculdade não teriam sido os mesmos sem elas. Agradeço pelos conselhos, risadas, matérias e trabalhos compartilhados.

Aos meus professores e à UFRJ, pelos ensinamentos teóricos e práticos.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu orientador, Adolfo Tanzi Neto, por me apresentar aos estudos vygotskyanos e por me receber como orientanda.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma pesquisa qualitativa-interpretativista que teve como objetivo analisar, por meio de fotos e interações sociais dos pesquisadores, como se configura a Arquitetônica Social Escolar do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ), que pode em maior ou menor grau valorizar a participação, as múltiplas vozes dos seus participantes e formação cidadã dos seus envolvidos. Os pressupostos teóricos utilizados para a análise do *corpus* foram os conceitos de Mediação (VYGOTSKY, 1978) e Arquitetônica Social Escolar (TANZI NETO, 2016), junto com as obras de Michel Foucault em Vigiar e Punir (2014) e A ordem do discurso (1996) e a Arquitetônica social escolar: um estudo sócio, histórico e cultural sobre as relações de poder e controle nos espaços, artefatos e discursos (TANZI NETO, 2016). Os resultados apontam para uma preocupação latente do colégio em oferecer espaços para construir relações interpessoais igualitárias que propiciem o desenvolvimento e transformação social do indivíduo sem a valorização de determinados conhecimentos em detrimento de outros.

Palavras-chave: Mediação, Arquitetônica Social Escolar, CAp UFRJ, Espaços, Poder e Controle.

## **ABSTRACT**

This monography presents a qualitative-interpretative research that aimed to analyze, through photos and social interactions of the researcher, how the School Social Architectonics of the Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ) is configured, which can to a greater or lesser extent value the participation of the multiple voices of its participants and citizen growing of those involved. The theoretical assumptions used for the analysis of the corpus were the concepts of Mediation (VYGOTSKY, 1978) and School Social Architectonics (TANZI NETO, 2016), along with the works of Michel Foucault in *Vigiar e Punir* (2014) and *A ordem do discurso* (1996) and *Arquitetônica social escolar: um estudo sócio, histórico e cultural sobre as relações de poder e controle nos espaços, artefatos e discursos* (TANZI NETO, 2016). The results point to a latent concern of the school to offer spaces to build equal interpersonal relationships that provide the development and social transformation of the individual without the valorization of certain knowledge to the detriment of others.

Keywords: Mediation, Social School Architectonic, CAp UFRJ, Spaces, Power and Control.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aviso com orientação para o uso de álcool em gel.

Figura 2 - Aviso com orientação para o distanciamento obrigatório de 2 metros.

Figura 3 - Lixeiras para coleta seletiva de lixo e carta incentivando a prática.

Figura 4 - Mural com o placar da “Reciclagem Cidadã”.

Figura 5 - Mural artístico feito pelos alunos.

Figura 6 - Piano localizado no pátio da escola.

Figura 7 - Folheto sobre o evento “FestiCAp”.

Figura 8 - Parede customizada pelos alunos no pátio do CAp UFRJ.

Figura 9 - Pátio do CAp UFRJ.

Figura 10 - Atividade do SOE em sala de aula.

Figura 11 - Alunos realizando a atividade do SOE.

Figura 12 - Sala de aula.

Figura 13 - Trabalhos realizados pelos alunos.

Figura 14 - Trabalho realizado pela turma em conjunto com as professoras.



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O conceito de ‘mediação’ vygotskyano.....</b>	<b>12</b>
1.1. A linguagem em perspectiva.....	13
<b>2. Arquitetônica Social Escolar.....</b>	<b>17</b>
2.1. Relações de poder e controle dentro do espaço escolar.....	18
2.2 O discurso como forma de controle.....	19
2.2.1 - Interdição - O que se pode falar?.....	20
2.2.2 - Separação - Quem pode falar?.....	20
2.2.3 - Vontade de verdade - O que é certo e errado?.....	21
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>22</b>
<b>4. Análise do <i>corpus</i>.....</b>	<b>24</b>
<b>Conclusões finais.....</b>	<b>33</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

A educação no Brasil é um tema que nunca se esgota. As diversas frentes possíveis para serem analisadas são de extrema importância num contexto de mazelas e descasos com a educação brasileira. Uma delas, contudo, o espaço-escola ganha foco neste presente trabalho, que observou sob as lentes teóricas dos conceitos de Mediação<sup>1</sup> e Arquitetônica Social Escolar<sup>2</sup> juntos com as relações de poder e controle dentro de uma escola pública de aplicação, como se configura a Arquitetônica Social Escolar do Colégio de Aplicação da UFRJ (doravante, CAp UFRJ), que pode em maior ou menor grau valorizar a participação, as múltiplas vozes dos seus participantes e formação cidadã dos seus envolvidos.

Ao longo dos anos escolares, a relação do aluno com a escola é construída pelas relações sociais que ele vivencia e observa e, também, pelos espaços físicos em que ele circula. Não é novidade para estudos no campo da arquitetura que os ambientes podem alterar, tanto positivamente quanto negativamente as diferentes práticas sociais neles inscritas (TANZI NETO, 2016), já que “a arquitetura tem o poder de afetar e condicionar o comportamento humano” (ROTH, 2017, p. 4).

A organização dos objetos escolares, muros, paredes, grades, corredores, portões são elementos presentes na arquitetura escolar que influenciam na relação do indivíduo com o espaço e alteram, em parte, a própria subjetividade e suas experiências vividas (TANZI NETO, 2016).

Nesse sentido, é relevante pensarmos nos efeitos constitutivos sociais dos jovens cidadãos que passam por escolas públicas no Brasil com grades nas janelas, paredes pintadas completamente de cinza, prédios com formato de hospitais, prisões, e, principalmente, sem a infraestrutura adequada (quadras poliesportivas, bibliotecas, laboratórios) para práticas pedagógicas de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE).

Muito disso pode estar atrelado ao fato de que é muito comum encontrarmos escolas públicas que funcionam em prédios emprestados, que, muitas vezes, não foram construídos com o intuito de ser uma instituição de educação. Isso explica a pesquisa que indica que apenas

0,6% das escolas apresentam uma infraestrutura considerada avançada, com sala de professores, biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, parque infantil, além de laboratório de ciências e dependências adequadas para atender a estudantes com necessidades especiais. (TOKARNIA, 2013)

---

<sup>1</sup> Conceito que será expandido em breve.

<sup>2</sup> Conceito que será expandido em breve.

O CAp da UFRJ, foco deste presente trabalho, encontra-se, em muitos aspectos, dentro desse pequeno número. Apesar do prédio precisar de muitos reparos e manutenção, ele conta com todos os itens descritos acima.

Contudo, nesta pesquisa ampliamos a discussão apenas da infraestrutura (paredes, salas, portões, quadras) escolar (arquitetura) para observarmos os aspectos sociais, de poder e controle, e de construções semióticas tecidas nesses espaços, observarmos também os elementos físicos quanto os subjetivos que permeiam as relações interpessoais e de poder e controle presentes num determinado ambiente escolar (arquitetônica).

Para isso, no capítulo 1 discutiremos o conceito de Mediação vygotskyano e como ele se relaciona com a vida na instituição escolar, visto que todo contato e interação que temos com o mundo se dá de forma indireta, por meio da mediação. Assim, a escola não se exclui dessa realidade e deve ser um ambiente que propicie o desenvolvimento dos indivíduos pelos meios necessários a partir de seu espaço físico e relações pessoais.

Já no capítulo 2, o enfoque será no conceito de Arquitetônica Social Escolar em si e como ela interage com as redes e relações de poder e controle dentro da escola. Para tal, expandiremos essa discussão com duas obras Foucaultianas: *Vigiar e Punir* e *A ordem do discurso*. Em ambos os capítulos 1 e 2, a linguagem recebe um papel de destaque nas discussões, visto que nossa pesquisa se dá no campo da Linguística Aplicada.

A partir das respectivas bases teóricas, analisaremos o *corpus* selecionado para o presente trabalho por meio de uma proposta de pesquisa qualitativa-interpretativista. As fotos que o compõem foram coletadas durante os meses de estágio obrigatório da autora. Logo, as fotos são a parte visível do *corpus*. Entretanto, foram os mais de seis meses de vivência e interações sociais dentro do CAp UFRJ, que possibilitaram uma análise para além das imagens para discutirmos a Arquitetônica Social Escolar do CAp UFRJ.

Por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho que teve como objetivo analisar como se configura a Arquitetônica Social Escolar do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ), que pode em maior ou menor grau valorizar a participação, as múltiplas vozes dos seus participantes e formação cidadã dos seus envolvidos.

## 1. O conceito de ‘mediação’ na obra vygotskyana

O conceito de mediação na obra vygotskyana é abrangente, porque trata de aspectos mentais, sociais e históricos. Isso traz para o processo de desenvolvimento a possibilidade de ser visto para além da aprendizagem na instituição escolar, visto que, ele se dá por meio de qualquer interação da pessoa com o meio e sua cultura, a partir de signos e ferramentas que estes proporcionam. Ou seja, para Vygotsky o desenvolvimento humano deve ser visto pela lente da mediação. O mundo é conhecido pela mediação, pois “desde o nascimento, a criança tem com o mundo uma relação mediada pelo outro e pela linguagem” (FONTANA, 1997, p.57). São os meios e recursos que propiciam esse contato indireto com o ambiente.

Vygotsky divergiu do Behaviorismo, modelo vigente, que ganhava cada vez mais força na academia, em sua época de atuação e pesquisa, em relação à orientação do comportamento humano e da aquisição linguística. Isso porque, ele adiciona um terceiro fator no esquema estímulo-resposta, o estímulo mediado. Ele se dá por meio da interação do indivíduo com um símbolo de mediação. Essa diferenciação é importante, principalmente, porque Vygotsky considera a mediação como o principal aspecto da psicologia humana. Vygotsky é um teórico sócio-interacionista, porque acredita que a formação do indivíduo vem pela internalização das experiências históricas e culturais. Esse processo pode ser tanto social quanto individual, gerando transformações ao indivíduo, por meio dos signos e das ferramentas.

Ambos os signos e as ferramentas trabalham no processo de mediação, porém de formas distintas quanto a como eles orientam o comportamento humano. Enquanto, o signo conduz a atividade psicológica interna, por meio de auto-regulação, a ferramenta é “condutor da influência humana no objeto de atividade; que é externamente orientada e deve conduzir as mudanças no objeto” (VYGOTSKY, 1978, p.55), estando mais ligada ao trabalho por meio de uma ferramenta física.

A aplicação do conceito de ferramenta na obra vygotskyana revela sua forte ligação com a filosofia Marxista acerca do trabalho, já que os humanos transformam a natureza e são transformados nesse processo, enquanto se utilizam dela, conforme suas necessidades. A natureza cria e não produz, contudo, ela oferece recursos criativos que dão à sociedade, por meio da prática social, a oportunidade de trabalhar e produzir. Essa multiplicidade de formas de trabalho e formas de produção conduz à interação homem-trabalho-ferramenta, um processo dialético que se forma a partir da transformação das ferramentas e relações.

O instrumento é o elemento interposto entre o homem e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de ação sobre a natureza. O instrumento é criado para uma finalidade específica, carregando consigo a função para a qual foi desenvolvido e o modo de utilização que lhe foi atribuído por meio do trabalho coletivo. O machado é um instrumento criado pelo homem com o objetivo de cortar. Mesmo que durante a história da humanidade tenham sido utilizados diferentes materiais para produzi-lo (pedra, cobre, ferro), a sua função foi preservada e transmitida a outros membros do grupo social, caracterizando um processo histórico-cultural (JOENK, 2007, p. 4).

Há estudos que se concentram em compreender a diferença entre homens e macacos e outros animais na natureza. O ponto central, que se relaciona ao conceito de mediação, é a forma como a humanidade se relaciona com a natureza. As mudanças que são feitas no ambiente são direcionadas pela necessidade do homem, e ele se utiliza de ferramentas que o auxiliam na superação de obstáculos e objetivos. O uso da língua e de mediações simbólicas dessa relação homem-natureza produz o homem histórico. É a partir daí que se pode identificar o desenvolvimento histórico humano.

Os signos estão ligados a essa questão, porém no âmbito mental, como “instrumentos psicológicos”. Já que, “signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações.” (OLIVEIRA, 1998, p.30). Entre eles estão trabalhos de arte, sistemas de contagem e a linguagem. Todos eles alteram as funções mentais em alguma medida, determinando a estrutura e ação de uma ferramenta, assim como a ferramenta altera o trabalho.

Apesar de diferentes, signos e ferramentas se relacionam à medida que o domínio da natureza e do comportamento estão ligados. Isso dá direções para compreender seus resultados na atividade psicológica. Já que “[eles] não são apenas usados para mudar o mundo, mas para regular e transformar os seres humanos a partir desse processo” (WERTSCH, 1981).

A partir dessa interação com signos e ferramentas, vem o artefato, que gera uma mudança de comportamento cultural e psíquica na sociedade e nos seus integrantes.

Cole (1998) entende que artefato é a combinação das propriedades de ferramentas e signos definidas por Vygotsky, ou seja, são simultaneamente material e ideal e coordenam os humanos com o mundo e uns com os outros. Artefatos, nesse sentido, são produtos da história humana.” (TANZI NETO, 2017, p.37)

Para isso, a mediação pode ocorrer de duas formas, explícita e implícita. A abordagem implícita da mediação acontece, por exemplo, por meio de conceitos espontâneos e regras de convívio social que são passadas de maneira inconsciente por autoridades ou equivalentes para os indivíduos em sua rotina. Já a explícita, usa de ferramentas e signos que claramente têm intenção e um objetivo em seu uso, e podem estar intimamente ligados a conceitos científicos.

### **1.1 A linguagem em perspectiva**

Para este presente trabalho, a linguagem merece atenção especial entre os signos. Não só a língua falada em si, mas também suas mediações simbólicas e escritas, que representam formas altamente visíveis e cotidianas de mediação humana e estão impregnadas nas instituições sociais. A linguagem é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo, porque é por meio do caráter social que este cria a linguagem. Vygotsky tem a linguagem como um dos mediadores fundamentais da relação sujeito e objeto.

A linguagem é um sistema de signos e seus significados são construídos e negociados socialmente pela comunidade de fala. Cada palavra apresenta usos e significados precisos. Ela faz parte do conjunto de recursos que podem ser utilizados para comunicação entre seres humanos. Nesse caso, eles precisam compartilhar de um mesmo sistema para que haja a comunicação efetiva. A partir dela, foi possível a preservação, transmissão de ideias e experiências, ao longo da história humana.

Ela se liga e é o meio para diversos processos mentais, esse é o motivo de sua importância. Trata-se de um recurso que tem inúmeras possibilidades de uso. Por meio dela, podemos abstrair e generalizar, categorizar elementos e conceitos. A partir dela, também pode-se relacionar objetos do mundo exterior, mesmo sem a presença deles. A linguagem está intrinsecamente ligada aos aspectos que diferem os seres humanos dos animais. Os signos permitem que a memória humana seja ampliada. Por isso, Vygotsky advoga que essa era a essência da memória humana, diferenciando-os dos animais.

É também por meio da língua que o mundo é conhecido (sendo este mais um recurso para o contato indireto com o ambiente). No uso da linguagem, então, é possível a compreensão generalizada do mundo, ou seja, ao passo que elementos são classificados e nomeados, o conhecimento é construído num processo de associação e exclusão (exemplo:

colher e não-colher). Essas ações, e outras como abstração e generalização, são possíveis, porque a língua se apresenta como um sistema organizado por regras e usos.

Além de todas essas funções e usos, a linguagem se apresenta como um importante aspecto do desenvolvimento humano. A ligação entre a linguagem e o pensamento não é consolidada em crianças em fase de aquisição de linguagem. As habilidades linguísticas serão desenvolvidas de forma que elas não consigam somente resolver questões do mundo material imediato, mas conhecer e se utilizar do sistema de signos relacionando informações categóricas do mundo simbólico que elas estão conhecendo em seu processo de desenvolvimento.

Daí é possível compreender que a linguagem é utilizada e organizada tanto interna como externamente, a partir da fala interna, externa e egocêntrica (fase de transição entre os dois tipos de fala) (VYGOTSKY, 2008). Ela propicia a interação social do mesmo modo que gerencia e produz a atividade mental. Pode ser considerada como uma ferramenta essencial no desenvolvimento, pois as funções cognitivas superiores (memória, fala, pensamento) são construídas por meio dela.

Aqui é importante destacar o papel do professor, a partir do momento em que as crianças estão em idade escolar. O profissional da educação deve estar atento aos saltos e etapas do processo de aquisição da linguagem, para fazer uso de seus conhecimentos e das formas de mediação possíveis dentro da sala de aula. O contato e imersão da criança no ambiente escolar faz com que suas habilidades linguísticas sejam ampliadas e testadas, já que ela se encontrará em um espaço de interação não controlado pelos responsáveis.

Pensar na educação como um par experiência/sentido é fundamental para essa análise (BONDÍA, 2002). Isso porque, simples palavras criam sentidos e produzem realidades na vida dos indivíduos. Por isso, tendo isso em mente, é importante compreender o poder da linguagem no processo de educação. Este começa no ato do pensar, refletir, atribuir sentido (por meio de palavras) aos significados das experiências humanas.

Quando falamos de linguagem, não se trata apenas de palavras por si só. Na construção da linguagem que gera comunicação o fator social é crucial. É por isso que Vygotsky faz uma separação entre significado e sentido. Enquanto o significado tem um aspecto etimológico, da palavra em si, o sentido é carregado da significação dada a uma certa palavra em seu meio social, na experiência do indivíduo. Esse processo se dá por meio da cultura sócio-interacional, o que faz a mediação na relação pensamento/linguagem é o significado. O desenvolvimento da linguagem, produzida social e historicamente, e dos significados permite uma representação da realidade no pensamento” (COSTAS, 2011). Por

isso, para Vygotsky a linguagem é intrinsecamente social, logo, é improdutivo analisar o papel da linguagem sem a compreensão de que ela é um objeto histórico, que interfere nos espaços e relações.



## 2. Arquitetônica Social Escolar

Em Bakhtin, tempo e espaço têm o papel de organizar acontecimentos. O conceito de cronotopo (BAKHTIN, 2014), cunhado pelo autor, apresenta esses dois elementos como o lugar propício para a produção da história. É onde se encontra espaço para transformações, já que "Bakhtin pondera que é pela forma arquitetônica que entendemos os elementos constituintes de um todo e que o todo arquitetônico é composto de sentido, com suas partes ligadas internamente e não desconectadas umas das outras." (TANZI NETO, 2017, p. 80). De fato, o trabalho de Bakhtin se concentra, principalmente, no campo da literatura e da linguagem, contudo, uma vez que esses conceitos se expandem para arquitetura, cresce o interesse pela análise dos espaços sociais.

Para além da ideia de arquitetura em si, como descrita no dicionário Michaelis,

Arte e ciência de projetar e supervisionar a construção de edifícios ou outras estruturas que, por envolverem uma ordenação plástica aliada a concepções técnicas e funcionais, possam expressar os valores estéticos e as necessidades práticas das sociedades em seus diferentes momentos e, desse modo, abrigar os diversos tipos de atividades humanas; arquitetura. (ARQUITETURA, 2015, Michaels)

A ideia de uma arquitetura social escolar (TANZI NETO, 2016) engloba mais do que aspectos meramente físicos, como pilastras e cadeiras. As relações sociais estabelecidas, atividades humanas, a linguagem e suas formas também constroem e dão significado aos espaços.

Para Lefebvre (1991), a porta de entrada para a discussão do espaço social é simplesmente dada por dois aspectos fundamentais: o micro (social, interações interpessoais) e o macro (ambiente onde características do sistema são produzidas e transformadas). Entretanto, essas propriedades auxiliam apenas na compreensão dos níveis do contexto em questão e a valorização de um desses elementos, em detrimento do outro, gera análises incompletas de espaços sociais.

O entendimento do espaço social como um contexto, segundo Lefebvre (1991), inclui a busca de uma representação política do uso do saber, a compreensão da ideologia implícita do espaço (aceita por seus participantes, mesmo que eles não a distingam) e o uso do espaço como um simulador do futuro dentro de uma estrutura real.

Ao conectarmos esses paradigmas aos estudos vygotskyanos, percebe-se que toda a interação social por meio dos signos e ferramentas propiciada pelos espaços é cultural, histórica e institucionalmente situada. A partir disso, as atividades se tornam socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas (TANZI NETO, 2016). Por isso é tão importante compreender e analisar de forma crítica as relações construídas dentro dos espaços sociais. Assim, não seria diferente com a instituição escolar.

Para ampliarmos a nossa lente de pesquisa buscamos na obra de Foucault entender como as relações de poder e controle são tecidas nos espaços sociais e como regulam as relações sociais e intrapessoais do indivíduo no espaço.

## **2.1 Relações de poder e controle dentro do espaço escolar**

Michel Foucault (2014), ao traçar a história da punição e das prisões no ocidente, escolhe um espaço improvável para esse estudo: escolas (além de prisões e hospitais, por exemplo). Foucault destaca algumas características da escola que remontam à ideia da prisão, como as carteiras enfileiradas, alunos enumerados para a chamada, a supervalorização da disciplina nos ambientes escolares e, principalmente, a ideia implicitamente construída de que obedecer é mais importante do que pensar.

A escola é mais uma das instituições da sociedade moderna que trabalha para a domesticação dos corpos. Desde crianças, depois da família, os indivíduos estão sujeitos a ter uma experiência escolar vigiada e aprender esse *modus operandi* de sua sociedade. Como já foi dito neste trabalho, os ambientes possuem práticas sociais implícitas que são aceitas por seus participantes. Na escola, isso se refere a diversas características físicas do ambiente em si, mas também às relações e interações que existem na escola. O resultado de todos esses elementos molda a consciência dos indivíduos que transitam por esses espaços.

É relevante destacar que não existe uma pirâmide fixa de quem tem poder dentro da escola. Essas redes são tecidas e construídas a partir das circunstâncias e vivências de todos os participantes. Sim, muitas vezes professores e diretores exercem poder em diversas situações, mas não só eles. Na relação entre os alunos, alunos e pais, diretores e o setor administrativo, existem redes de poder que são intercambiáveis. Por isso, Foucault defende que o poder não está fixo na mão de nenhum indivíduo ou classe, mas sim que ele se movimenta em torno das relações que existem nas instituições.

Toda a análise feita em relação às relações de poder na escola também deve levar em conta que nem sempre o poder é algo negativo. Isso porque, se o poder produz e transforma,

isso pode ser usado para algo bom. Para que, ao exercer governabilidade sobre o indivíduo, gerindo-o, isso coopere que este seja útil para sociedade. Essa função do poder deve ser colocada em foco na escola, porque ela é o espaço que será propício para formação de sujeitos críticos, mas também de pessoas que pouco participam da sociedade.

Para Foucault, governar é “estruturar o eventual campo de ação dos outros” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Na escola, alunos que sofrem *bullying* ou são negligenciados por seus pais, podem ser beneficiados quando o poder dos professores ou diretores é usado para protegê-los. Por isso, a questão não é acabar com o poder dentro da escola. Isso seria irreal, pois a sociedade ocidental tem o poder como uma de suas bases. Contudo essa entidade pode ser usada em prol do bem dos sujeitos que participam da instituição escolar.

O modelo panóptico implantado na escola pode aumentar as chances de zelo pela segurança e bem-estar do aluno. Uma escola que tem tablado nas salas, câmeras e um pátio amplo de fácil observação, dá aos profissionais da educação um recurso que facilita o cuidado pela integridade dos alunos. A questão que cerca o trabalho é saber qual o limite e balanço das vantagens e desvantagens desse modelo institucional.

Por exemplo, as câmeras pela escola são um clássico exemplo de vigilância. O comportamento dos alunos será moldado pelo simples fato de que a câmera está no mesmo espaço que eles, mesmo que eles não saibam se há alguém, de fato, vigiando as imagens produzidas pelo aparelho.

Nesse sentido, o modelo panóptico dentro da instituição escolar, pode constituir mais uma realidade de dominação dos corpos do que de bem-estar dos seus integrantes.

## **2.2 O discurso como forma de controle**

Como a linguagem é um dos elementos centrais em nossa discussão, é necessário abordar as relações de poder e controle que a cercam. Em seu livro *A ordem do discurso*, Michel Foucault fornece análises para esse estudo. O discurso em si é o ato de falar, manter, transmitir e articular ideias em qualquer assunto. Para além da língua falada, o discurso também envolve a linguagem não verbal (gestos, olhares, posicionamento físico). A instituição escolar é imersa em diversas formas de discurso. Em todas as relações (professor-aluno, aluno-aluno, professor-coordenação, etc), é possível perceber as nuances e características das formas de discurso, já ele se dissemina exercendo uma função de controle, delimitação, e validação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais.

O autor defende que quem domina o discurso domina a sociedade (FOUCAULT, 1996). Isso também se aplica ao microcosmos escolar, por isso vamos analisar os três procedimentos externos que Foucault expõe em sua tese (FOUCAULT, 1996).

### **2.2.1 - Interdição - O que se pode falar?**

O primeiro diz respeito a quem tem a interdição sobre o discurso, ou seja, o direito privilegiado de falar. Em cada escola, a hierarquia dos que têm poder sobre o discurso é clara. Professores e diretoria, geralmente, exercem esse direito privilegiado com maior frequência, enquanto alunos e funcionários subalternizados (inspetores, equipe de limpeza) são silenciados em diversas situações.

O que introduz o segundo aspecto desse processo, “O ritual das situações”, que trata de quais são as circunstâncias sociais que autorizam ou desautorizam certos tipos de discurso. Cada ambiente e situação dentro da instituição escolar terá seus usos e regras implícitas e explícitas de quais discursos são autorizados ali.

É nesse aspecto que se percebe o “Tabu do objeto” (FOUCAULT, 1996), que são assuntos e temáticas que geram um estranhamento e por isso há um lapso no contato e discussões acerca deles. O próprio Foucault cita a sexualidade, a política e a religião.

O Colégio de Aplicação da UFRJ, que, mais tarde, será objeto de estudo de nossas análises, foge de alguns desses exemplos citados pelo autor. Enquanto é inegável que haja problemáticas que sofrem com o tabu dentro da instituição, ela, de fato, se mostra aberta ao debate dos assuntos citados, que, no geral, não têm espaço para discussão dentro de escolas mais tradicionais e conservadoras. Isso, muito provavelmente, se deve à ligação do colégio com a UFRJ, lugar de pesquisa e discussões abertas sobre a sociedade como um todo.

### **2.2.2 - Separação - Quem pode falar?**

Como já dito acima, interdição é o direito privilegiado ao discurso. Novamente, há uma questão de poder, já que são as relações interpessoais entre os sujeitos das instituições que ditarão as regras. Dentro da escola, podemos citar a sala de aula como um espaço especial dentro dessa discussão.

No modelo tradicional de educação o aluno é, de fato, visto como *alumnus*, alguém sem luz, sem conhecimento. Ele não tem espaço para fala, já que sua atenção deve ser direcionada para ouvir ao professor. O outro problema que pode ser visto na escola, é quem é

o aluno que fala. Em ambientes escolares onde o aluno tem mais voz, qual tipo de aluno tem direito à fala em detrimento de outros. Quando o aluno que é rotulado como “bagunceiro”, “sem futuro”, ele é ouvido e levado em consideração? E quando é um aluno que é mais participativo e que tem um melhor rendimento escolar, no geral?

Esses são questionamentos importantes para todas as escolas e profissionais da educação, já esse sistema opressor difere completamente de estudos no campo da teoria sócio-histórico-cultural, que defendem o aproveitamento e valorização dos conhecimentos prévios do aluno como recursos para construção coletiva do conhecimento. Por isso, é importante que na sala de aula que os sentidos e significados sejam negociados a partir da contribuição de todos.

### **2.2.3 - Vontade de verdade - O que é certo e errado?**

No processo denominado por Foucault de “Vontade de verdade”, o discurso é o precursor e instrumento que as instituições utilizam para dizer o que é certo, errado e falso dentro da sociedade em que estão inseridas. Dentro da instituição escolar isso não é diferente. O papel da escola é algo muito discutido, contudo, é inegável que entre as funções que ela exerce, está a transmissão de valores morais e ideológicos, do que é certo e errado nas relações interpessoais e na sociedade.

O Projeto Político Pedagógico, professores e o espaço social vão mostrar por mediações implícitas ou explícitas quais são as ideologias e semioses construídas em cada escola. Esse movimento é inegável e natural, já que tudo que se faz é ideológico. Por isso, movimentos como “Escola sem Partido”, fundado em 2004, pelo advogado Miguel Nagib, não se sustentam, já que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Para tanto, é necessário que a escola se movimente com o objetivo de validar diversos discursos e não silenciar seus alunos e indivíduos que têm uma posição social vulnerável. Se quem controlar o discurso, controla a realidade, a escola deve ser um espaço democrático onde todos têm voz.

### 3. Metodologia

Este trabalho de pesquisa de conclusão de curso foi embasado nos conceitos expostos nos capítulos anteriores: a mediação na obra vygotskyana e a Arquitetônica Social Escolar. Esses conceitos foram aplicados à pesquisa qualitativa-interpretativista. O objetivo desses componentes foi analisar a Arquitetônica Social Escolar presente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ).

Esse ano (2023), o Colégio de Aplicação da UFRJ completa 75 anos de existência. O colégio foi fundado em 20 de maio de 1948 e hoje conta com mais de 800 alunos entre educação infantil, ensino fundamental e médio. Ele foi criado com a função primeira de servir como espaço para a formação prática dos alunos dos cursos de Licenciatura da UFRJ, mas também se destaca em oferecer um espaço para autonomia dos professores e inovação nas diferentes didáticas possíveis dentro de sala de aula.

O CAp UFRJ já passou por diversos endereços. Todos foram cedidos por outras instituições. O colégio já se instalou na Fundação Getúlio Vargas (1948-1952), na antiga sede da Escola Senador Correia (1952-1962) e, por fim, na Lagoa, em um prédio cedido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro), que é o objeto de estudo do presente trabalho.

O foco da pesquisa qualitativa-interpretativa está na análise e nos resultados em que o pesquisador chega a partir da interpretação de seus dados, seguindo alguns dos parâmetros da pesquisa qualitativa (SILVA, 2016), sendo elas a) o enfoque na qualidade (natureza) e não na quantidade (estatísticas); b) a busca da subjetividade do objeto de pesquisa; c) a flexibilidade em relação aos caminhos da pesquisa por parte do pesquisador e, principalmente, d) a valorização do processo de pesquisa.

Segundo o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32)

Nessa pesquisa, os dados coletados são fotos dos espaços, pessoas e produções verbais e não-verbais do CAp UFRJ. Contudo, apenas interpretações simplistas das fotos resultariam em uma análise incompleta do objeto de pesquisa. Por isso, é importante ressaltar novamente o fato de que os alunos de Licenciatura da UFRJ são encaminhados para o CAp

UFRJ, a fim de realizarem seus estágios obrigatórios, que foi também o caso da pesquisadora.

Foram os mais de seis meses de estágio obrigatório que permitiram que a interpretação das fotos viesse de alguém que presenciou e vivenciou, por um período de tempo, as relações que existem dentro dos ambientes escolares do CAp UFRJ. Agregando assim à pesquisa, dados que seriam incognoscíveis somente por meio de fotos.

As fotos que representam o *corpus* da pesquisa foram feitas pela pesquisadora ao longo dos meses de estágio obrigatório no CAp UFRJ. Os ambientes, situações e produções fotografadas foram escolhidas pelos seguintes critérios:

1. O quão relevante era a relação dos alunos com o ambiente, situação ou produção;
2. A curiosidade em analisar como aquele determinado objeto de observação construía significado dentro do ambiente;
3. Situações em que os pesquisadores estavam envolvidos e pode participar de forma ativa, podendo observar não só dados concretos, mas também subjetivos, como as relações interpessoais presentes no colégio.

As análises das fotos foram feitas levando em conta os conceitos de mediação vygotskyana e sua Arquitetônica Social, mas também, retomando as experiências vivenciadas no Colégio de Aplicação da UFRJ, que foram registradas e relatadas em documentos pessoais da pesquisadora e também em seu Memorial de Estágio, documento que encerra as atividades de estágio obrigatório.

No próximo capítulo, analisamos os dados desta pesquisa que teve como objetivo, como já mencionado, analisar como se configura a Arquitetônica Social Escolar do CAp UFRJ em suas relações de poder e controle e mediação que podem em maior ou menor grau valorizar a participação, as múltiplas vozes dos seus participantes e formação cidadã dos seus envolvidos.

#### 4. Análise do corpus

A partir dos conceitos teóricos explanados, levantamento de dados (fotos e relatos de experiência) e estabelecimento da problemática e metodologia, deve-se realizar a análise da Arquitetônica Social Escolar presente no Colégio de Aplicação da UFRJ.

**Figura 1** - Aviso com orientação para o uso de álcool em gel



**Figura 2** - Aviso com orientação para o distanciamento obrigatório de 2 metros



Fonte: Acervo da autora.

Durante a Pandemia de Covid-19, o CAP UFRJ suspendeu suas aulas presenciais, como todas as escolas da cidade, a partir de recomendação estatal. O colégio manteve suas aulas e atividades com o modelo *on-line* e em outubro de 2021, com as devidas precauções e liberação do governo, as atividades retornaram presencialmente.

Contudo, o CAP UFRJ sabia que a pandemia ainda não havia acabado. Por isso, diversas medidas foram tomadas a fim de realizar essa transição com a maior segurança possível, como o uso obrigatório de máscara, distanciamento obrigatório (Figura 1), recomendação do uso de álcool em gel (Figura 2) e lavagem das mãos. Essas recomendações eram válidas para alunos, funcionários e licenciandos.

Nem sempre essas recomendações eram seguidas pelos alunos, mas o colégio e seu corpo docente se mantiveram firmes em seu posicionamento. Durante esse período, que foi até agosto de 2022, era comum ver os funcionários orientando o uso de máscaras fora de sala



e os professores faziam esse papel dentro de sala de aula, mesmo com a resistência dos alunos. Isso era importante, principalmente, pela integridade física tanto dos alunos quanto dos funcionários, mas também para lutar contra o negacionismo em massa que atingiu todo o país durante a Pandemia de Covid-19.

Nesse procedimento, os funcionários exerciam uma função de controle e regulação do comportamento dos alunos. Esse processo contava com a alta vigilância do comportamento dos alunos em relação às regras estabelecidas e com um sistema de punição caso os professores compreendessem que era necessária uma intervenção da direção.

O CAP UFRJ, como um colégio associado à universidade, também representa um lugar onde a ciência é feita e respeitada. Com os diversos ataques que houve a fatos e estatísticas científicas, o colégio se manteve firme em defender a ciência, mostrando a ideologia implícita do espaço por meio das orientações verbais e não-verbais. O fenômeno já explorado neste presente trabalho da “Vontade de Verdade” foi exercido pelo colégio, seguindo o exemplo da UFRJ, a fim de explicitar seus valores morais e ideológicos, como a valorização da ciência e da vida.

**Figura 3** - Lixeiras para coleta seletiva de lixo e carta incentivando a prática.



**Figura 4** - Mural com o placar da “Reciclagem Cidadã”.



Fonte: Acervo da autora.

Outro aspecto que mostra a importância da ciência na ideologia e funcionamento do CAP UFRJ são os signos dispostos pela escola, que incentivam a coleta seletiva de lixo e a reciclagem do Projeto Recicla CAP, liderado pelo Setor de Ciências Biológicas.

Todos esses signos, com suas particularidades verbais e não-verbais (desenhos, cores dos elementos) são parte do processo de mediação que molda a consciência e que viabiliza o desenvolvimento dos alunos como indivíduos e cidadãos e o aprendizado sobre questões ambientais e biológicas que concernem o lixo em nossa sociedade.

O encaminhamento do projeto é feito pela escola, mas é notável que a evolução dele depende da participação ativa dos alunos. Nisso, vê-se que as relações e poder se entrelaçam, pois ao mesmo tempo que a escola exerce um papel de comando, a atividade (que é extracurricular) só tem sucesso a partir da decisão e ação dos alunos.

**Figura 5 - Mural artístico feito pelos alunos**



**Figura 6 - Piano localizado no pátio da escola**



Fonte: Acervo da autora.

Além das questões científicas, o CAP UFRJ valoriza a produção artística durante o processo de formação de seus indivíduos. Assim, ele se afasta dos resquícios da ideologia positivista, presente em diversas escolas do país, que valoriza as áreas de exatas em detrimento das áreas de humanas.

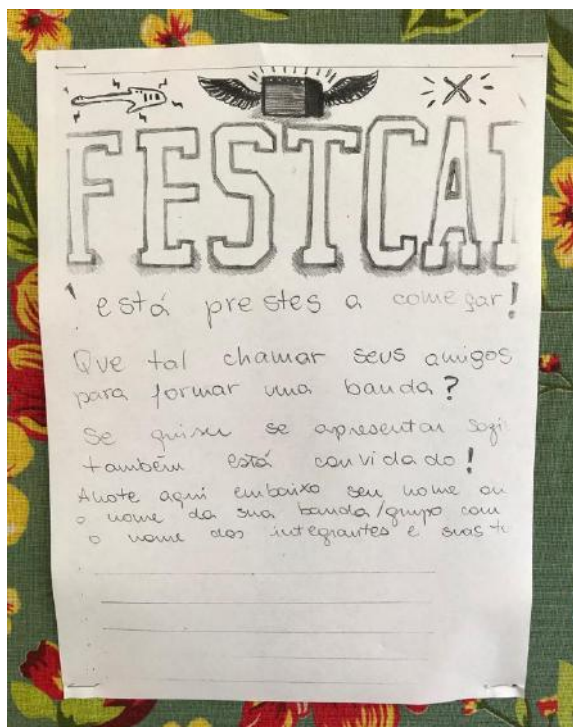
O colégio conta com aulas de artes cênicas, visuais e música em sua grade curricular. E para além disso, oferece os meios necessários (ferramentas e signos) para que os alunos possam expressar sua subjetividade e ideologias por meio da arte. Na Figura 5, vê-se um projeto desenvolvido pelo Setor de Artes Visuais que contou com a participação de diversos alunos. Os desenhos, cores e técnicas a serem utilizados foram orientados pelo corpo docente e os alunos se empenharam e passaram tudo isso para a tela, nesse caso, a parede de um dos corredores centrais da escola.

A colaboração entre as duas partes foi observada pela pesquisadora em diversas situações, por se tratar de um espaço público e aberto do colégio. Ali, foi possível perceber que o esquema de relação de poder e controle existia no esquema professor-aluno, mas de uma forma pedagógica e afetiva. Isso se dava na interação da professora e dos alunos, enquanto ela mostrava as técnicas e possibilidades aos alunos guiando-os pelos possíveis caminhos que existiam para aquela intervenção artística.

Além disso, a Figura 6 mostra mais uma das ferramentas que o colégio oferece para o desenvolvimento musical dos alunos. O piano se encontra no pátio central da escola. Qualquer aluno, licenciando ou professor é autorizado a tocar e cantar, se assim desejar.

Entretanto, nessa dinâmica pudemos observar as relações de poder e controle que existem no esquema aluno-aluno. Isso porque, alunos que não são considerados populares e são de grupos mais rejeitados da escola são continuamente desencorajados por meio de comentários maldosos a tocar o piano. Enquanto isso, alunos que são dos grupos mais aceitos são encorajados e prestigiados quando se dispõem a tocar. O que gera diferentes sentidos e significados, para os integrantes desse espaço, sobre o uso do piano para o real desenvolvimento musical ou apenas para o prestígio e aceitação de poucos.

**Figura 7 - Folheto sobre o evento "FestiCAp".**



Fonte: Acervo da autora.

Na figura 7, observamos um convite que estava anexado no mural que é dos alunos. Os avisos são feitos por eles e tem os próprios alunos como remetentes. Esse mural mostra que nem todas as relações e regulamentos do espaço escolar são estabelecidos pelos professores ou diretores. A organização do mural é de responsabilidade dos alunos e os acordos também foram estabelecidos por eles mesmos.

...entendemos que o comportamento social está diretamente ligado aos acordos estabelecidos pelos envolvidos no espaço escolar, não havendo um controle direto do professor sobre as regras sociais e, sim, responsabilidades que são distribuídas entre os envolvidos (TANZI NETO, 2017, p. 136).

**Figura 8 - Parede customizada pelos alunos no pátio do CAP UFRJ**



**Figura 9 - Pátio do CAP UFRJ**



Fonte: Acervo da autora.

Cada ambiente do espaço escolar pode ter maior ou menor intervenção dos funcionários (professores, direção, inspetores). Essa é uma característica que não se define somente pelo espaço físico em si, mas muito mais pelas relações que se estabelecem. O pátio representado nas Figuras 8 e 9 é um exemplo de como um determinado espaço pode ser palco para diferentes experiências de mediação e relações de poder e controle.

Durante o intervalo entre as aulas, que acontece duas vezes ao dia, os alunos se reúnem no pátio para brincar e conversar. Nesse momento, os alunos estabelecem as regras do espaço. Entretanto, pudemos observar diversas vezes pelo nosso trânsito pelo espaço que os alunos mais populares exercem poder e controle sobre as regras com os alunos mais vulneráveis.



Contudo, mesmo que os alunos se sintam nessa posição de controle entre os grupos, existe também uma vigilância dos funcionários. E mesmo que nenhum deles esteja no campo de visão dos alunos, existe um inconsciente do panóptico no coletivo. Isso faz com que eles sintam que sempre podem estar sendo vigiados e que serão punidos caso não cumpram as regras e usos estabelecidos para aquele local.

Mas, além desse uso, o pátio também é utilizado para diversas atividades pedagógicas. Muitos professores fazem atividades manuais e/ou simplesmente querem tirar um pouco seus alunos de sala de aula, levando-os para um ambiente ao ar livre. Nesses momentos é o professor quem dita as regras e é ele quem tem o controle do ritmo, conduta e da quantidade de vezes que os alunos terão a oportunidade de estar ali.

Algo que pode ser observado nessas ocasiões é a diminuição de aulas ao ar livre conforme os alunos vão crescendo. Os mais novos, até o 6º ano, têm diversas aulas no pátio, enquanto os mais velhos ficam, no geral, restritos à sala de aula. Essa prática deve ser analisada, porque a diminuição de práticas pedagógicas lúdicas, por parte de muitos professores, a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, pode ser danoso, já que

a exploração do aspecto lúdico pode se tornar uma técnica facilitadora na elaboração de conceitos, no reforço de conteúdos, na sociabilidade entre os alunos, na criatividade e no espírito de competição e cooperação, tornando esse processo transparente, ao ponto que o domínio sobre os objetivos propostos na aula seja assegurado. (FIALHO, 2007, p. 16)

**Figura 10 - Atividade do SOE em sala de aula**



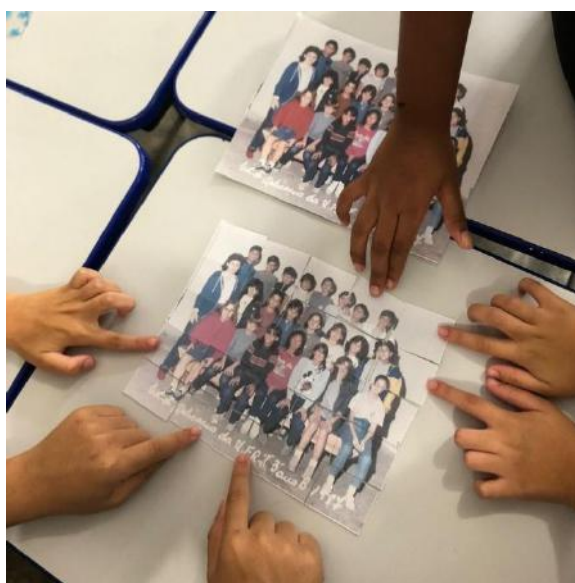
Fonte: Acervo da autora.

Mesmo com algumas questões levantadas, ainda assim o CAP UFRJ se destaca no cenário brasileiro em relação a promover atividades lúdicas e que fujam do modelo de aula expositiva. Sendo assim, essas atividades não são necessariamente feitas fora de sala de aula. Na Figura 10, vê-se a atividade feita pelo SOE (Setor de Orientação Educacional) com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. O que motivou a atividade foi o número crescente de reclamações em relação a falas e interações desrespeitosas entre os alunos.

O momento de interação do SOE com os alunos teve algumas etapas. Primeiro, o grupo se dirigiu aos alunos levando as reclamações que eles vinham observando. Logo após esse momento, em que o SOE exerceu total controle e regulação do comportamento dos alunos, a turma foi convidada a participar do debate. Eles poderiam desabafar, dar sua opinião sobre o assunto e trazer possíveis soluções para a problemática. Durante esse período os alunos tinham mais abertura para falar, mas ainda sob uma regulação.

Também era possível perceber que alguns assuntos específicos eram mais difíceis de serem comentados, como o racismo e a homofobia presente em sala de aula. O “Tabu do objeto” (FOUCAULT, 1996) existe até em colégios que se dispõem a ser um ambiente aberto para negociações e debates. Muito disso se deve ao fato de que os alunos estão imersos em uma sociedade que ainda vê muitos assuntos importantes como tabus sociais.

**Figura 11** - Alunos realizando a atividade do SOE



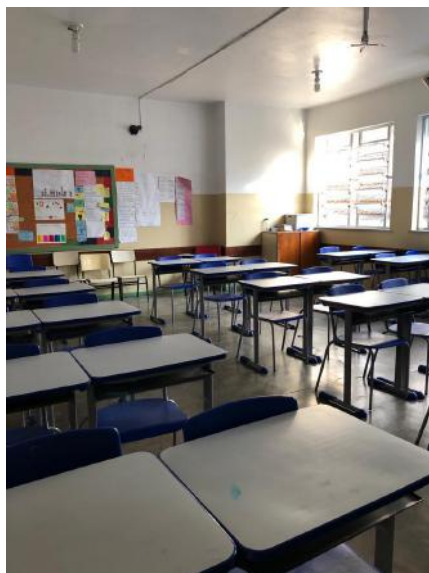
Fonte: Acervo da autora.

Na Figura 11 está a atividade que foi realizada com os alunos. A proposta era, separar a turma em grupos e a partir de uma foto, montar um quebra-cabeça. Todas as fotos eram de turmas antigas do CAP UFRJ. Alguns grupos tiveram mais facilidade, outros menos. Contudo, o objetivo da atividade não era monitorar a rapidez dos alunos, mas sim fazê-los refletir sobre como o corpo discente do colégio mudou.

Os alunos observaram que quanto mais antiga a turma, menos diversidade havia nas fotos. Muitos alunos fizeram comentários se perguntando se eles fariam parte do colégio em outras épocas, pela falta de diversidade. Muito disso se dava pelo fato de que, até 1998, o ingresso para o Colégio de Aplicação era feito por meio de um concurso. No geral eram as classes mais altas e abastadas da sociedade carioca que conseguiam a nota para entrar.

Entretanto, quando o sistema de concurso caiu, o de sorteio entrou e passou a facilitar o ingresso de pessoas de baixa renda ao colégio, transformando as turmas e as dinâmicas dentro daquele espaço, que passou a ser mais diverso e inclusivo. Esse exercício foi importante para os alunos compreenderem como a diversidade é importante e deve ser valorizada no meio escolar deles.

**Figura 12 – Sala de aula**



Fonte: Acervo da autora.

A UFRJ como instituição que valoriza a produção de pesquisa e formação continuada, demonstra esses valores no CAP UFRJ incentivando o desenvolvimento de abordagens

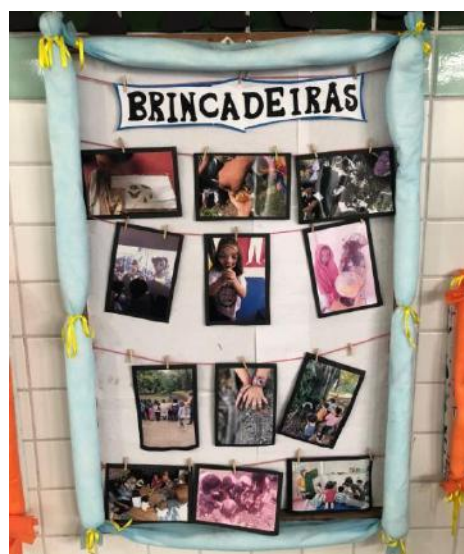
metodológicas e práticas pedagógicas atualizadas e validadas cientificamente. Contudo, mesmo que as aulas tenham diversas práticas que contribuam para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, as salas de aula mantêm a forma tradicional de dispor suas mesas. As fileiras dificultam a interação entre os alunos e estão viradas sempre para o professor que tem tanto o papel de ser detentor do conhecimento quanto de vigiar e regular o comportamento dos alunos.

A organização das cadeiras em duplas ameniza esse cenário de regulação, mas ainda controla a interação dos alunos. Há ainda outros elementos em sala de aula que contribuem para a semiótica desse espaço como materiais produzidos pelos alunos, murais com avisos e regras combinadas com a turma.

**Figura 13** – Trabalhos realizados pelos alunos



**Figura 14** – Trabalho realizado pela turma em conjunto com as professoras



Fonte: Acervo da autora.

O colégio também encoraja a produção de materiais pelos alunos como pode ser observado nas figuras 13 e 14. Por todo o espaço do CAP UFRJ, é possível ver cartazes, pinturas, entre outras produções do corpo discente. Essa exposição é útil para a valorização estudantil e mostra, mais uma vez, como as relações de poder e controle são equilibradas em diversos ambientes e situações, já que a escolha dos trabalhos que serão expostos vem de votações e decisões feitas pelos alunos e professores.



## CONCLUSÕES FINAIS

Os ambientes e relações pessoais dentro do CAp UFRJ contribuem para processos de mediação que se concretizam nas metodologias e ideologias da instituição. Os signos e ferramentas que fazem parte do espaço cooperam para a construção da rede de significados, como a valorização de múltiplos conhecimentos, interação e desenvolvimento pessoal dos alunos. Os diversos signos que analisamos remetem a conhecimentos adquiridos em sala de aula e as ferramentas os orientam em suas atividades escolares.

A linguagem dentro dos espaços, presente tanto de forma visual quanto nas relações pessoais revelam a preocupação do colégio em construir redes de conhecimento e significado em que todos sejam participantes ativos. Isso contribui para um esquema de relações de poder e controle que sai do padrão das escolas tradicionais.

No CAp UFRJ, os alunos têm uma voz ativa e são vistos como indivíduos historicamente situados, com conhecimentos que devem ser valorizados e incentivados pela instituição. A Arquitetônica Social Escolar do colégio demonstra, tanto em seus aspectos físicos quanto relacionais, a ideologia implícita existente. As relações de poder e controle são estabelecidas, mas existem espaços e situações para que elas sejam mais fluidas. As relações pessoais entre o corpo docente e discente mostram a preocupação da escola em fazer daquele espaço um lugar para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUITETURA. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/busca/portugues-brasileiro/arquitetura>>. Acesso em: 01/03/2023. URL de acesso: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arquitetura#:~:text=1%20Arquit%20Arte%20e%20ci%C3%Aancia,e%20desse%20modo%20abrigar%20os>

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto et al. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. Revista iberoamericana de educación, 2011.

DO NASCIMENTO SILVA, Jefferson Evaristo. Modos de fazer da pesquisa acadêmica: descrição de uma experiência em análise de materiais didáticos de língua italiana. Cadernos Neolatinos, v. 1, n. 2.

DOS SANTOS, Maria de Lourdes Faria et al. VIGIAR E PUNIR NA ESCOLA: a microfísica do poder. Itinerarius Reflectionis, v. 1, n. 1, 2008.

FIALHO, N. N. Jogos no Ensino de Química e Biologia. Curitiba: IBPEX, 2007.

FONTANA, R.; CRUZ, N. da. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1997, cap. 05. p. 57-68: ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

KRETZSCHMAR JOENK, I. Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky<br>An Introduction to the Thought of Vygotsky. Revista Linhas, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1276>. Acesso em: 31 out. 2022.

ROTH, Leland. Entender a arquitetura. Seus elementos, história e significado. Tradução de Joana Canedo. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

TANZI NETO, Adolfo. "Arquitetônica social escolar: um estudo sócio, histórico e cultural sobre as relações de poder e controle nos espaços, artefatos e discursos", 2016.

TOKARNIA, Mariana. Maioria das escolas brasileiras tem infraestrutura básica. Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação, 2013. Disponível em: [http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-03/maioria-das-escolas-brasileiras-tem-infraestrutura-basica?\\_gl=1\\*si8k41\\*\\_ga\\*NzczMTU4OTc1LjE2ODY4NDI5MTk.\\*\\_ga\\_TGW7R30M20\\*MTY4Njg0MjkxOS4xLjAuMTY4Njg0MjkxOS4wLjAuMA](http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-03/maioria-das-escolas-brasileiras-tem-infraestrutura-basica?_gl=1*si8k41*_ga*NzczMTU4OTc1LjE2ODY4NDI5MTk.*_ga_TGW7R30M20*MTY4Njg0MjkxOS4xLjAuMTY4Njg0MjkxOS4wLjAuMA). Acesso em: 15/06/23.

VYGOTSKY, Lev Semenovich et al. Pensamento e linguagem. 2008.